



**Universidade Federal do Ceará
Instituto de Cultura e Arte
Curso: Comunicação Social - Jornalismo**

PEDRO VÍCTOR GOMES DA FROTA OLIVEIRA

FAZENDO PLANOS MESMO SEM ÂNIMO: UM INVENTÁRIO DE CRIAÇÃO

**Fortaleza, CE
2020**

PEDRO VÍCTOR GOMES DA FROTA OLIVEIRA

FAZENDO PLANOS MESMO SEM ÂNIMO: UM INVENTÁRIO DE CRIAÇÃO

FORTALEZA 2020

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha

FORTALEZA

2019

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Fernando Maia, por acreditar na possibilidade de um trabalho desse tipo e por me apontar novas narrativas desde o início do curso.

Aos membros da banca que cederam seu tempo para participar desse trabalho.

À minha mãe, por sempre me permitir tentar de novo e de novo.

A mim mesmo, por sonhar.

RESUMO

Esse trabalho consiste em reunir uma trajetória de criações que levam a um produto final, o vídeo-clipe de “Sem Ânimo”. Destrinchando todas as etapas da feitura desse material, busca-se entender as relações entre esse trabalho e a vida do autor. Revelando as linhas tênues entre vivência e criação, o projeto traz a concretização de uma caminhada artística realizada no audiovisual pelos últimos anos, além de uma abertura de processos que vão da criação até a divulgação do clipe.

Palavras-chaves: identidade, narrativas, vídeo-clipe

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Autorretrato realizado nos primeiros meses de fotografia.....	7
Figura 02 - Fotografia feita no campus do pici com Daniel Saraiva de modelo.....	8
Figura 03 - Figura 03 - Fotografia feita no Cedro, em Quixadá, com Vinícius Ribeiro de modelo.....	9
Figura 04 - Figura 04 - Thumbnail do vídeo de “Sem Ânimo” no Youtube.....	13
Figura 05 - O cenário do clipe: o tecido verde e alguns pesos para impedir que tudo voasse	13
Figura 06 - Imagem de um comercial antigo da Polishop.....	15
Figura 07 - Still do clipe de Sem Ânimo.....	15
Figura 08 - Uma mão com controle aperta o botão e desliga o vendedor irritante....	16
Figura 09 - O calendário flutuante cruza a tela de uma ponta a outra.....	17
Figura 10 - Still do clipe de “Sem Ânimo”.....	18
Figura 11 - Still do clipe de “Sem Ânimo”.....	18
Figura 12 - Still de Sem Ânimo com Secos e Molhados no fundo.....	19
Figura 13 - Cena de Inferninho, filme de Guto Parente e Pedro Diógenes.....	20
Figura 14 - Still do clipe de “Sem Ânimo”, referenciando Inferninho.....	20
Figura 15 - Cena de “Sem Ânimo” onde estou em queda livre.....	21
Figura 16 - Cena de “Sem Ânimo” onde alguém esvazia um saco de confete em mim.....	21
Figura 17 - Imagens de divulgação.....	24
Figura 18 - Imagens de divulgação.....	24
Figura 19 - Imagens de divulgação.....	25
Figura 20 - Imagens de divulgação.....	25
Figura 21 - Imagens de divulgação do Reels.....	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. BACKGROUND.....	6
3. PRÉ-PRODUÇÃO.....	10
4. ROTEIRO.....	11
5. PRODUÇÃO.....	12
6. EDIÇÃO.....	14
7. O VÍDEO DE “SEM ÂNIMO”	14
8. LETRA.....	22
9. AS REFERÊNCIAS VISUAIS.....	22
10. DIVULGAÇÃO.....	23
11. CONCLUSÃO.....	28
12. REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

É difícil acreditar que o tema central da minha pesquisa hoje seja eu. Não o Eu objeto, de que se fala na academia, mas este que aqui vos escreve. Não sei como vim parar na Comunicação Social, já que até a vida adulta, eu não sabia me comunicar bem. Eu sequer tinha coragem de olhar no espelho. O meu rosto era algo que existia pra mim apenas em lembrança, já que eu evitava qualquer chance de me observar. Não me sentia confortável com minha pele, meu cabelo, minhas feições. Minha voz não era entendida por quase ninguém quando eu falava. Eu não existia. Para compensar essa abstração da minha fisicalidade, eu me manifestava na escrita. Escrevia contos durante as aulas, perdia informações importantes porque estava escrevendo alguma história na hora da explicação. Eu queria ser entendido apenas por aquilo que eu considerava meu Eu de verdade: minha escrita, meus pensamentos, minha personalidade. Aquilo que eu pensava poder escolher.

Hoje, acordo e tenho na minha frente um tripé montado para encaixar tanto minha câmera como meu gravador. Não tenho mais o hábito de ficcionalizar nada, apenas anotar no bloco de notas do celular tudo que pode ser útil enquanto ideia. Minha rotina consiste em pegar essas ideias e todo dia desenvolver uma nova parte de minha história, seja falando para a câmera sobre minhas vivências, fotografando meu corpo e seus movimentos ou cantando em minhas músicas. Produzo bastante, como se desenvolvesse um músculo à exaustão. Foi nesse processo e, principalmente, nas mudanças que ocorreram em minha vida desde o início da pandemia e do isolamento que esse trabalho final pode acontecer.

Essa é a história do meu projeto que hoje eu chamo de “tristezanao” e dos muitos caminhos que eu trilhei até chegar nesse produto, com o clipe de uma música chamada Sem Ânimo. Agora que contei o início da minha história como criador de narrativas e também o seu final (implicando também meu momento atual), preciso delimitar os caminhos que me trouxeram até aqui.

2. BACKGROUND

Comprei uma câmera para fazer cinema. Meu conhecimento de fotografia até então era limitado aos meus estudos na faculdade e na internet, então já teria alguma ideia do que fazer ou não. Na UniFanor, tive aulas com Fernando, que hoje orienta este trabalho. Com ele peguei noções de fotografia básica, mas o que mais tirei de útil foi o olhar. Não importava se eu estivesse com uma câmera DSLR, analógica ou celular: o que garantiria a qualidade, além das técnicas, era o olhar. O mesmo olhar me ajudava a escolher se uma foto era melhor que outra.

Meu objeto de estudo inicialmente era a natureza. Eu fotografava o céu, o mar, as árvores. Ia, enquanto isso, estudando o cânone de fotógrafos que se estuda no

ensino superior, como Cartier Bresson, Francesca Woodman, Diane Arbus e outros. O que mais me chamava a atenção no trabalho deles era sua incrível capacidade de contar histórias. Eu vinha do roteiro e estava começando a perceber que podia contar histórias com as fotografias. Era hora de tentar.

Iniciei com alguns autorretratos, ocultando o rosto e toda a parte frontal do meu corpo. O que me interessa é enxergar meu corpo por ângulos novos, fotografando sozinho como se estivesse às cegas. Eu sabia bem o que queria representar naquelas imagens: meu cansaço e minha aversão a meu próprio rosto. Minha solução foi inventar novas formas de representar minha imagem sem usar do meu rosto, pensando em ângulos e poses novas.



Figura 01 - Autorretrato realizado nos primeiros meses de fotografia

Comecei a trabalhar com fotografia e me fotografar virou um exercício rotineiro. Após uma adolescência fugindo de fotos, eu me via diariamente fazendo poses e tentando explorar mais facetas da minha imagem. Percebi que podia ser o que eu quisesse, já que controlava todas as etapas do processo, inclusive a edição. Esse pensamento, de maior autonomia, é o que me levava a explorar outras linguagens. Eu queria entender como funcionavam todos os processos dentro da fotografia e do audiovisual, justamente para ter mais controle sobre o produto final.



Figura 02 - Fotografia feita no campus do pici com Daniel Saraiva de modelo

Até aquele momento, minha expressão era um ensaio do que viria a seguir. Eu já começava a fotografar outras pessoas, investigando os mesmos ângulos: de costas, com o rosto oculto e uma aparente expressão de cansaço.

Pensei no tema de desaparecimento ao olhar a minha própria trajetória. Abordei Fernando com a ideia de falar sobre o rastro, usando o que eu vim produzindo durante o período de faculdade. Fotos que envolviam corpo, mas mostravam pouco. Eram carregadas de expressão, mas não se via rosto. Já tínhamos um portfólio a

ser trabalhado e que, pra mim, demonstravam toda a minha trajetória - trajetória essa que eu viria a descobrir que ainda estava sendo construída.

Fernando sugeriu o nome de "Pequeno inventário do desaparecimento" para o trabalho, o que me encantou muito. Pra mim, aquilo resumia muito bem meu projeto antes de todas as reviravoltas que aconteceriam no mês seguinte. Porque o que ocorreu não foi o desaparecimento e sim o contrário, a evidência. Se antes eu queria registrar o rastro, hoje eu capturo o fenômeno das minhas narrativas onde eu estou no centro, muitas vezes magnificado por minha própria lupa.

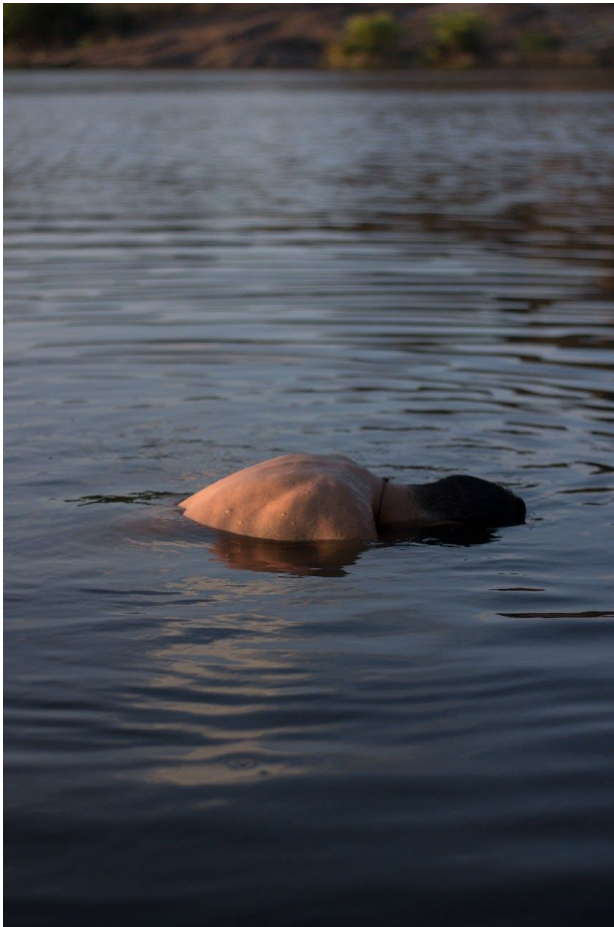


Figura 03 - Fotografia feita no Cedro, em Quixadá, com Vinícius Ribeiro de modelo

Veio a pandemia, o mundo virou ao avesso e me vi obrigado a trabalhar - no sentido de monetizar - novas formas da minha imagem. Pensando na minha experiência durante 2019 com uma formação paralela em teatro, vivenciando novas expressões artísticas todo dia, resolvi transformar minha imagem e minha voz como carro-chefe das minhas produções. Treinei para perder a vergonha diante da câmera e apareci falando para os que me seguiam nas redes sociais, trazendo sempre a minha história e perspectiva em primeiro lugar.

Devido ao isolamento, eu não tinha ninguém para ser minha cobaia. Teria que ser eu. Iniciei um projeto musical chamado tristezanao, onde produzo músicas com batidas eletrônicas e letras que falam principalmente das minhas experiências melancólicas. Hoje minha pesquisa não se resume mais apenas à fotografia ou o audiovisual. Trata-se de um grande compilado de coisas que eu crio que falam de mim - vídeos, fotos, músicas, registros, desenhos, animações, filmes etc. Estou escancarado em meu trabalho, nunca fugindo de ser meu próprio objeto de pesquisa. Sou, afinal, o que mais tem a dizer e descobrir de mim. Mas decidi que quero unir tudo isso nesse projeto autoral por enxergar grande potencial nele. E meu primeiro vídeo-clipe foi o de Sem Ânimo, música que falava exatamente sobre um forte sentimento de atraso na vida.

3. PRÉ-PRODUÇÃO

Para mim, a pré-produção começou logo na hora de fazer a música. Eu já tinha essa base instrumental lançada com o nome de “Encontros” no meu último ep instrumental chamado “festa de fim”, mas eu tinha chegado numa ideia de letra pra ela que acabou não virando nada. Eu nem conseguia me imaginar gravando uma letra minha na época. Meses depois, retomo a música, coloco vocais e ainda escrevo novos versos, que ganham um espaço bem grande na mixagem. É como se fosse outra pessoa trabalhando nela.

Quando vou produzir um clipe, ouço bastante a música para mapear referências e sentimentos. Essa música, em específico, me fazia pensar em longas viagens de carro. Não era só eu que pensava isso: outras pessoas já tinham me dito, ao ouvir o beat, que ele remetia a isso. Então busquei imagens que me lembravam desse sentimento de viajar, como autoestradas, carros, paisagens. Em pouco tempo, cheguei no anime e nos filmes antigos como referência.

Desenhei um storyboard que não possuo mais, provavelmente destruído durante a gravação. Também escrevi um roteiro improvisado, um dia antes, para me guiar nas ideias que eu tinha pensado. Eu iria ter uma equipe mínima - eu e minha namorada. Usaríamos a laje onde ela morava com alguns amigos, pois tinha um espaço bom para organizar as coisas.

Reuni as referências que podem ser encontradas no final do relatório, indo de vídeo-clipes até a cenas de animação. Mas, por mais preparação que eu tenha feito, eu não estava pronto para a jornada que seria produzir o clipe de “Sem Ânimo”

4. ROTEIRO

Quando vou produzir videoclipe, nem sempre escrevo um passo-a-passo. Primeiro porque muitas vezes existem formas não-lineares de conduzir uma gravação e segundo porque eu gosto de encontrar novos rumos na edição. Mas aqui está o "roteiro" escrito no dia 7 de setembro no bloco de anotações do meu celular, sem edições:

1. Entro no plano com uma cara de vendedor da polishop, falando nada com nada e sendo dublado.

"Cansado de ir atrás dos seus sonhos, apenas para perceber que estão fora do seu alcance? Você faz planos mas nunca vê eles se concretizando Pois eu tenho a solução - -"

Uma mão aparece na frente da câmera com um controle e desliga a cena.

2. A música começa. " Tanto Faz" e "tristezanao" aparecem na tela. Um teclado aparece no fundo, bem pequeno. Ele começa a crescer até ficar do tamanho normal. Uma mão surge e começa a tocar a melodia inicial da música.

3. "Fazendo planos mesmo sem ânimo": take meu cantando com algum óculos.

4. "Sete anos atrás e nada mudou": uma mão tirando uma data do calendário

5. "O seu jeito de errar me interessa, pra onde seu olhar vai com pressa?": take meu cantando.

6. "Te abraço sem te abraçar": vou tentar abraçar a Letícia e ela some

7. "Arrumo as malas sem me mudar": seguro a maleta cheia de roupa e ela abre, derrubando tudo

8. "Tanta coisa que eu já perdi, será que um dia volto pra ti": takes meus cantando

9. "Na verdade nada será, a verdade aqui nascerá, será será será será": minha imagem se repete junto com o eco, sobrepondo

10. Eu sentado no chão, #chateado, enquanto jogam confete.

11. "Por mais que eu não vá dizer nada, ainda lembro da sua cara (esse verso todo): podem ser takes como o meu correndo, eu de costas e alguém me fazendo virar

12. Minha mão tocando a melodia na controladora.

13. "Dizendo pra eu não ir pra casa, dizendo pra eu não ir pra casa" no falsete, aparece meu rosto de perfil nos lados da tela

14. Na parada abrupta pode ser eu deitado, com o chapéu no rosto, eu tiro no drop

15. "Tanto faz se eu te perdi, tanto faz se eu te achei"

É possível reparar diversas mudanças do roteiro para o vídeo final, mas a ideia é a mesma. Alguns planos eu consegui executar da forma que escrevi, como 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10,11, 13. As outras mudaram ou porque eu não segui tão a risca o roteiro ou porque precisei fazer alterações técnicas. Mas tê-lo escrito me trouxe norte para a produção inteira, da gravação até a edição.

5. PRODUÇÃO

Durante a pesquisa de pré-produção, decidi que utilizaria um fundo verde com chroma key para poder dar ao clipe a estética futurista e ao mesmo tempo retrô que eu queria. Futurista porque eu estaria em lugares impossíveis, dentro de uma imagética cyberpunk ou vaporwave - dois estilos que tiveram muita influência no vídeo. Retrô porque o vaporwave fala bastante de uma união estética da tecnologia - computadores, video-games, outros aparelhos - com figuras clássicas e antigas, como estátuas e outras esculturas.

Apesar de ter experiência suficiente com audiovisual, nunca havia utilizado chroma key para nada. Porém fui autodidata em todos os meus processos e não me custaria aprender isso com tanta informação na internet. Descobri onde vendiam tecidos do tipo em Fortaleza, pesquisei o tipo necessário e comprei 3m por 1,5m de poliéster. Pendurei com fita e descobri da pior forma que precisaria fixar o tecido sem que ele balançasse, já que a luz em cima do tecido precisa ficar completamente uniforme. Na verdade, essa montagem do pano foi muito mais doloroso do que realizar o efeito em si no computador - isso só me levou um clique e poucos ajustes. É claro que me conformei com o pensamento de que a estética acolhia erros e limitações técnicas. Esse era todo o pensamento do meu trabalho: feito é melhor que perfeito. Eu queria convencer as pessoas de que era possível soltar um trabalho criativo e independente, sabendo aproveitar os recursos que você pode captar no momento. No meu caso, o clipe inteiro custou 50 reais.



Figura 04 - Thumbnail do vídeo de “Sem Ânimo” no Youtube

Deixei minha companheira operando a câmera sob meu auxílio e entrei de cabeça no personagem. Tanto que, ao longo do clipe, é possível ver diversas expressões curiosas que eu faço, coisas que eu nem sabia que existiam no meu repertório corporal. Tudo isso foi fruto da vivência no teatro, que me ajudou tanto a me sentir confortável diante da câmera, como criar algo novo dentro das situações pré-estabelecidas.



Figura 05 - O cenário do clipe: o tecido verde e alguns pesos para impedir que tudo voasse

6. EDIÇÃO

Dentro da minha pesquisa por uma identidade visual dentro trabalho, comecei a gostar bastante de referências que simulavam o efeito do filme analógico. Também foi algo que eu precisei aprender a usar e a mexer, mas que acabou agregando muito ao trabalho em si. Esbarrei em uma sequência de efeitos que deixou o clipe com uma cor bem bonita. Primeiro, apliquei o filtro VHS na imagem, o que a deixou com as cores bem lavadas. Em seguida, puxei de volta as cores através da saturação e da vibração. O resultado foi um colorido bem vivo, misturado com os artefatos que a edição do VHS deixou na imagem.

Como meu notebook já tem mais de seis anos, tive que converter todas as imagens para uma versão de qualidade bem inferior pois o programa já começou a ficar pesado quando tentei montar a introdução. No final, troquei as imagens convertidas pelas imagens originais. Esse processo se chama downsample e é bem utilizado por editores.

O vídeo também conta com algumas técnicas de motion. O motion é quando você dá movimento para as imagens na tela, podendo ser chamado até de animação já que você trabalha com técnicas semelhantes. É possível ver essas técnicas tanto no título da música como em toda hora que eu me desloco magicamente pela tela.

7. O VÍDEO DE “SEM ÂNIMO”

O clipe começa com um fundo de loja de computadores antigos, fruto de imagens de arquivo que encontrei no Youtube. Boa parte do material foi colhido lá, através de uma pesquisa de referências dentro do campo de significados que o vídeo tinha. Eu entro caracterizado como um personagem semelhante aos vendedores de infomerciais antigos, como os da Polishop. Durante a minha infância, assisti a muitos desses programas e sempre me senti incomodado com a ideia de alguém me vendendo coisas - seja um produto ou uma ideia. Como a música fala do meu sentimento de estagnação, achei interessante personificar nesse personagem os momentos em que amigos vinham me oferecer dicas ou soluções irreais para a minha própria carreira. Na tela, um card com “ligue já” e um número de telefone - bem característico dos programas do gênero.



Figura 06 - Imagem de um comercial antigo da Polishop



Figura 07 - Still do clipe de Sem Ânimo (detalhe para o 171 no número de telefone)

Coloquei um take meu segurando um controle para sobrepor na imagem e parecer que o espectador iria mudar de canal. O personagem desaparece na hora que a mão aperta o botão de desligar e a música começa. Talvez a mão no controle simbolize um ato de rebeldia contra esse tipo de atitude, um “cala a boca, assiste aí

o que eu quero mostrar pro mundo”. Ou só minha vontade de mudar de canal mesmo na infância.



Figura 08 - Uma mão com controle aperta o botão e desliga o vendedor irritante

O título da música e meu nome artístico - tristezano - aparecem em um card com efeito de glitch e o meu teclado midi, onde produzi a música, vai surgindo na tela e se aproximando. Esse take existia bem nítido na minha mente e o teclado não está lá por acaso. Eu queria que o instrumento mostrasse que eu também toquei o que o público está ouvindo, dando mais intimidade pra relação que pretendo construir ao longo do vídeo.

Surjo na tela flutuando pelo fundo de um shopping e um letreiro em neon. Uso uma camisa estampada com flores e um dos vários óculos que aparecem no clipe, me centralizo na tela e começo a cantar.

Vemos um calendário passando pela tela no momento em que falo que, em sete anos, nada mudou. Estou cantando, de frente para câmera, usando roupa florida e tentando dar o meu máximo na atuação. Não é muito, mas me surpreende quando lembro do Pedro que não conseguia tirar foto de frente para a câmera há poucos anos. Essa sobreposição de significados só existe para mim e para quem me conhece: como posso reclamar de estagnação se mudei tanto de um ano para outro?



Figura 09 - O calendário flutuante cruza a tela de uma ponta a outra

Os efeitos parecem baratos, de baixo orçamento. Foi tanto uma intenção artística como uma realidade. Eu não gastei muito com o clipe, editei em um notebook antigo e tive que pensar cuidadosamente o que queria colocar já que a máquina travava bastante e qualquer movimento descuidado iria atrasar a edição do vídeo.

Esses movimentos que eu faço pela tela, entrando e saindo do enquadramento, são efeitos simples no Adobe Premiere. Não sei mexer no After Effects e acho que esse foi um dos charmes: as soluções criativas para fazer movimento e trazer dinâmica para o clipe.

No momento seguinte, em 0:44, corro na direção da câmera como sempre me senti correndo de afazeres, trabalhos e responsabilidades que não me interessavam. E é o único take onde apareço de costas, como era antes de eu começar a me gravar. Inclusive corro com o fundo de uma festa, onde pessoas dançam. Estou correndo para a festa ou dela? Ainda não cheguei a uma resposta.

No meio disso, apareço no canto da tela, descontraído, sorrindo com uma expressão boba. Ali não era atuação: eu estava entrando no meio do take sem querer e resolvi colocar dentro do vídeo, como se para mostrar um relaxamento em relação às regras e à minha própria linearidade.



Figura 10 - Still do clipe de “Sem Ânimo”

Seguimos vendo várias poses e roupas diferentes, em situações engraçadas como alguém tocando meu ombro e eu me virando repentinamente. Em outra hora, seguro uma espada de brinquedo como microfone. Em outro, uso um óculos rosa gigante. As imagens do fundo vão mudando de acordo com o momento da música. Em alguns momentos, é uma estrada futurística. Em outros, um globo refletor daqueles de boates. Em outro momento, uma mulher aparece tocando um sintetizador.

Quando canto “arrumo as malas sem me mudar”, aparece realmente a mala da minha namorada e as roupas caindo no chão. Era o meu plano de romper com a estagnação que nunca dava certo, representado pela mala que nunca fecha e não me permite ir embora.



Figura 11 - Still do clipe de Sem Ânimo

Enquanto canto os diversos “será?”, vai surgindo um clone meu na tela para cada palavra dita. Estou sempre me afastando ou me aproximando da câmera, sempre em fuga ou com minha imagem duplicada. É difícil de me encontrar numa localização fixa por muito tempo na tela.

Em 1:22, apareço com uma máscara de carnaval e, no fundo, um clipe do Secos e Molhados. Talvez eu quisesse falar da minha própria máscara de felicidade em dias ruins, além das diversas outras máscaras que eu uso no dia-a-dia. Lembro do conceito de fachada de Goffman (2013), que não fala de máscaras literais mas sim aquelas que nos ajudam a conviver em diferentes meios. O próprio grupo Secos e Molhados aparece de máscara no clipe de Flores Astrais, que usei no fundo. A banda enfrentou períodos sérios de repressão no país e, através da expressão artística, conseguiu sobreviver aos anos setenta. Seu figurino era essencial para a performance do grupo.



Figura 12 - Still de Sem Ânimo com Secos e Molhados no fundo

Em 1:29, apareço tocando o meu teclado midi novamente, dessa vez com ele no colo. No fundo, vemos imagens de um filme sul-coreano e de animações japonesas. Até que em 1:41, aparecem um dos takes mais bonitos do vídeo para mim e que surgiu de forma quase improvisada. Enquanto canto em falsete na música o verso “dizendo pra eu não ir pra casa”, apareço diante de um hotel rosa do filme Projeto Flórida (do qual falo mais na seção de referências) e também diante de uma avenida, de um por do sol e de fogos de artifício. Esse take foi inspirado no filme Inferninho, onde a personagem finalmente viaja para conhecer o mundo e se deslumbra com o que vê. A cena é gravada toda em chroma key e também foi uma influência no filme.



Figura 13 - Cena de Inferninho, filme de Guto Parente e Pedro Diógenes



Figura 14 - Still do clipe de “Sem Ânimo”, referenciando Inferninho

Em 1:52, coloquei um fundo na perspectiva de uma queda, para que eu pudesse me deitar no pano verde e simular que estou caindo enquanto a música se prepara para o drop. O drop é quando todos os instrumentos vão abaixando de volume e acontece uma virada na música.



Figura 15 - Cena de “Sem Ânimo” onde estou em queda livre

Outro plano que também me encanta muito é o que vem em seguida, aos 1:54. Pedi que minha companheira esvaziasse um saco de confete na minha cabeça enquanto mantenho uma postura desanimada. É também uma referência ao mesmo som, que até então era bem melancólico e nada parecia me animar. Nem mesmo um saco de confete.



Figura 16 - Cena de “Sem Ânimo” onde alguém esvazia um saco de confete em mim

Eu apareço no centro da tela, enquanto dois de mim aparecem ao meu lado cantando junto. No fim do verso, eu recuo para a tela e sumo, acompanhando o volume da minha voz que também vai baixando. Depois disso, passo algumas vezes pela tela com o teclado no colo sem cantar nada. Mais um de mim aparece colocando um óculos e o filme acaba. Não há mais o que dizer, eu apenas olhava para a câmera com uma expressão um pouco indecifrável. A mensagem havia sido dada. Rolam os créditos em um fundo de super 8.

8. LETRA

Fazendo planos mesmo sem ânimo
Sete anos atrás e nada mudou
O seu jeito de errar me interessa
Pra onde o seu olhar vai com pressa

Te abraço sem te abraçar
Arrumo as malas sem me mudar
Tanta coisa aqui já vivi
Será que um dia eu volto pra ti?

Na verdade nada será
A verdade aqui nascerá
Será?

Por mais que eu não vá dizer nada
Ainda lembro da sua cara
Dizendo pra eu não ir pra casa
Se eu fico eu te chamo de casa

Dizendo pra eu não ir pra casa
Dizendo pra eu não ir pra casa
Dizendo pra eu não ir pra casa

Tanto faz se eu te amei
Tanto faz se eu te perdi
Tanto faz se eu te achei
Tanto faz se eu te esqueci

9. AS REFERÊNCIAS VISUAIS

A maior delas, que não escondo, é o clipe de Can I Call You Tonight do Dayglow. O vídeo faz uso da tela verde/chroma key para criar situações tão inusitadas que me inspirou a tentar fazer algo no meu estilo. Sim, no meu estilo. No fim, os vídeos tem propostas bem diferentes, mas o vídeo do Dayglow me mostrou qual era o caminho que eu queria seguir com esse trabalho.

Também me deu a ideia de aparecer tocando o teclado, dando uma dinâmica de apresentação em alguns momentos. Sempre que apareço no clipe com o teclado, estou tocando exatamente o que está na música. Sem esse clipe eu não teria tido a

ideia de usar tela verde e de fazer algo bem irreverente, sem medo de beirar o ridículo.

Outro clipe que me guiou foi o de Riptide, do Vance Joy. Eu passei minha adolescência assistindo a esse clipe, que tem imagens bem rápidas que traduzem literalmente o que a banda estava cantando.

Em 1:42, uso o filme Projeto Flórida (2017), no fundo do vídeo. O filme conta a história de um verão na vida de uma mãe e filha que vivem precariamente em um hotel ao lado do Disney World. O filme fala sobre escapismo e o desejo de fugir para uma realidade mais doce, que motiva as personagens a tentar transformar o local onde estão em algo mais lúdico. Sinto fortes paralelos entre o filme e o vídeo de Sem Ânimo.

Utilizo ao longo do vídeo um arquivo que organizei de cenas de filme e animações, especialmente nostálgicas pra mim. Eu estava assistindo um documentário no Netflix chamado GOLD, sobre a história dos video-games. E, nele, muitas imagens de arquivo eram usadas para situar o espectador no cenário oitentista. Quando percebi isso, tive a sacada de utilizar imagens de super 8 para criar essa estética de nostalgia.

Os takes de animação japonesa também ajudaram a criar essa atmosfera, já que muitos vídeos na mesma proposta fazem uso disso. É uma estética oriunda da internet mesmo, de mesclar vivências melancólicas com animes, já que muitos da minha geração cresceram assistindo.

10. DIVULGAÇÃO

Já que o vídeo me custou horas e horas editando, decidi que precisava preparar uma divulgação decente para que ele alcançasse o máximo de pessoas possível. Fazer o trampo e me colocar no centro do furacão tinha sido novo, mas também tinha exigido muito de mim. Não bastava só fazer o vídeo, era preciso usar todo o conhecimento que eu não absorvi ao longo do curso na questão de assessoria, marketing etc. Acabei não escrevendo release sobre o trabalho e nem enviando ele para muitos lugares, mas ao longo da semana preparei algumas peças de divulgação.

No dia 1 de setembro, postei no Instagram a abertura do vídeo com a infame personagem de apresentador da Polishop - no caso, eu. O teaser ficou com 1363 views, inclusive mais views do que o vídeo final. Recebi inúmeros feedbacks positivos e mensagens orgulhosas de amigos meus. Pela primeira vez percebi que havia sim uma demanda para esse tipo de trabalho, por mais fora da curva e

esquisito que ele parecesse para mim. Resolvi continuar preparando materiais curtos para as redes sociais.

Já no dia 2 de setembro, resolvi fazer uma postagem com várias imagens still do clipe para mostrar a diversidade de figurinos e cenários. Quando vi as imagens em sequência, tive a ideia de brincar com algo de copywriting - a técnica de redação publicitária que preza por uma mensagem atraente - e escrevi alguns cards nas imagens, formando uma sequência que elencava os motivos para que a pessoa assistisse o clipe e se inscrevesse no canal do Youtube.



Figura 17 - Imagem de divulgação



Figura 18 - Imagem de divulgação



**SUPER VELOCIDADE PARA SAIR
DE FESTAS SEM SE DESPEDIR**

Figura 19 - Imagem de divulgação



**UMA ESPADA PARA VOCÊ
CANCELAR AS PESSOAS**

Figura 20 - Imagem de divulgação

Consegui 262 curtidas e bastante interação espontânea nesse post. As pessoas estavam curiosas pelo trabalho e algumas se diziam apaixonadas pela nova identidade visual do meu trabalho, algo que até então tinha acontecido em conta-gotas. Então, um dia antes do lançamento, resolvi testar uma nova ferramenta do Instagram: o Reels. Ela permitia apenas vídeos de quinze segundos, mas entregava o conteúdo para bastante gente. Ferramentas novas nas redes sociais tem um alcance maior do que o comum, para incentivar o seu uso. Resolvi montar um teaser com alguns momentos do clipe e mais informação visual na forma de tipografia, para que não ficasse apenas algo solto no meu feed. A inspiração veio

dos comerciais antigos da Mastercard, que falava o valor de várias coisas e no fim dizia que algo não tinha preço.



Figura 21 - Imagens de divulgação do Reels

O teaser bateu 2.766 views no Instagram e eu senti que agora eu tinha atenção suficiente para lançar o clipe e entregar esse material para aqueles que vinham acompanhando meu perfil. Ainda não sabia direcionar anúncios no Youtube e nem investir propriamente em divulgação. Conteí com o marketing espontâneo e, no dia 5 de setembro, lancei o vídeo no Youtube. Corri para postar em alguns grupos do Facebook que eu sabia que se interessariam pelo conteúdo e obtive algumas respostas interessantes, mas a maior parte do alcance se deu pelo boca-a-boca. Hoje o clipe tem 1.332 visualizações, sem impulsionamento ou anúncio. É algo que penso em fazer em breve para que mais pessoas possam assistir a ele.

11. CONCLUSÃO

Com muitas horas de dedicação, consegui executar a proposta que imaginei inicialmente. Um clipe que falasse da minha vida, dos meus momentos. É inegável que se trata de mim: eu apareço do começo ao fim, às vezes mais de uma vez na tela ao mesmo tempo. Foi uma experiência nova, mesmo pra mim que já produzi dezenas de clipes para outras pessoas. Dessa vez, eu era o meu cliente e conteí com uma liberdade irrestrita - algo que eu não pretendo abrir mão tão cedo.

A repercussão do trabalho mudou minha relação com o audiovisual e me fez investir mais tempo nas minhas músicas e projetos. Hoje eu sei que existe sim público para o que faço e, mesmo parecendo óbvio, não era algo que eu entendia meses atrás. Academicamente, não foi um ano produtivo. Tive que trancar a única cadeira que faltava para o meu curso, não consegui arranjar um estágio e nem pude acumular as horas complementares que eu precisava. A pandemia me desestabilizou e, se eu não tivesse colocado minha cabeça para trabalhar nisso, talvez não teria energia para aguentar até o fim desse ano.

Hoje trabalho em um novo clipe e tenho várias músicas para ocupar o meu tempo. A arte realmente me salvou e o melhor: foi a minha arte. A mesma que me ajudou a lidar com inseguranças, obstáculos e percalços no meu caminho pela vida toda. Olho com carinho para “Sem Ânimo” e fico orgulhoso do que apresento hoje. Os planos que eu fiz sem ânimo, os anos que não trouxeram mudança, tudo isso foi necessário para entender onde quero chegar como artista. Não mudaria ou trocaria nenhum experiência, pois todas foram necessárias.

Referências

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 273 p. (8 Antropologia) ISBN 9788532608758 (broch.).

NAO, tristeza. TRISTEZANAO - SEM ÂNIMO [VÍDEO OFICIAL]. 2020. (2m44s).
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GoM7AzFbtrc&>>. Acesso em:
02 nov. 2020.